

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

28 de Março a 10 de Abril de 2016 | Nº 105 | Ano IV

Director: José Luís Mendonça

• Kz 50,00

ECO DE ANGOLA PÁG. 3-6

QUANTOS ANOS TEM LUANDA?

ECO DE ANGOLA PÁG. 7-8

EMANUEL KUNZIKA
MORRE O HOMEM
E FICAM AS UTOPIAS

ARTES PÁG. 11

BERLINALE
COM PRESENÇA
ANGOLANA



Optimized using
trial version
www.balesio.com

POEMAS DE GABRIEL ROSA**UM PARAÍSO POR GERMINAR**

que negro paraíso bebe
sua alma destilando luz pisada?

não mais creio
na veracidade dos rios
penteados por um céu camaleão

até pinto
sobre a mentira de Deus
uma verdade gorda
quanto me descortinas a razão
nos aposentos do sonho
aonde exibis do riso uma dança
ocultando a poeira do seu rosto

sua alma canta majestosa
na pedra enterrada no mar

canta sobre a pauta
a transcendência carnal
do sonho embarcado
em noites esgaldadas

GRÁVIDO DE MIRAR

No golpe do inimigo
Cujo Marte cumpliciou
oiço...

Engaioladas canções
De liberdade
Num choro de cinzas
Mortas pelo vento
na mão do ouvido

Firo-me mar
Como a bala inútil
Que morre no poente
Ante a vergonha de ferir
A bexiga de deus

Eis-me tombado
No ventre d'uma terra
Anémica

Vêm transfusões
Internacionais
Para me erguer
Num Madagáscar
Cujas sombras
O sol engole

Grávido d'um quadro
Verde oceano
Eis-me cidadão do universo
Contra os abutres dos países
Que veneram os olhos
Do sol

SUICÍDIO

É o lírio da
Na traseira
Do sonho
Que com a
Quando o
Das estrelas a runaça

E sobre pés de pedra
Um frágil deus
Ante o poderio da força

**COMBOIO DE INFÂNCIAS**

Tosse o comboio da minha infância
Na passarela da memória
Vai desfilando sobre a cidade em convulsão
A esfaqueada infância
Na inocente culpabilidade da vida o ciclo

Comboiando vai...
A alma zungando em colunas de nuvens
Deusificando mistérios
Entre a poesia das aves e o reumatismo
Da antiguidade

Tosse, tosse oh comboio da infância
Eis que faleceu o xarope da curadivindade
Sob o enterro do amor o cristal

E tu, oh comboio da infância
Vais tosserolando mortalidade
Na visão esfumada da memória

POESETERNA

Morrem
Celestiais anjos
No fatal golpe da caneta

Dos olhos
Lágrimas
Coreografando infinidades

Eis-me Deus
No absoluto sintético
Sobre a profunda sombra
Dos dedos

Beijar

Poeseterna

Biografia do autor

Gabriel Jaime Neto Rosa, filho de Maria Peixoto Neto, pai-deira de profissão e do camionista Jaime Duarte Lourenço Rosa, descobriu o sol acidentalmente numa quarta-feira do 13º dia de um Abril destrelado sob o 1994 vertiginosamente sangrento num bairro popular, município de Kilamba-Kiayi em Luanda.

Estudou contabilidade. Iniciou-se no mundo artístico como declamador. Mais tarde, interessa-se por teatro, ao mesmo tempo que exibia a veia de bailarino.

Em 2010 ingressa ao movimento literário LEV'ARTE, onde respondia por Gabriel, o Anjo Poeta, nome que lhe foi atribuído pela forma doce com que prendia a plateia. Em Maio de 2012 conhece o Movimento Literário Vianense (actual LITERAGRIS), e decide permanecer e solidificar sua poética no seio deste movimento onde conta com textos na antologia **ISH versos da terra**, e na revista agris magazine.

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras
*Um jornal comprometido
com a dimensão cultural do desenvolvimento*

Nº 105 /Ano IV/ 28 de Março a 10 de Abril de 2016

E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:
José Luís Mendonça
Secretária:
Ilda Rosa
Assistente Editorial:
Coimbra Adolfo (Matadi Makola)
Fotografia:
Paulino Damião (Cinquenta)
Arte e Paginação:
Sandu Caleia
Jorge de Sousa
Alberto Bumba
Sócrates Simóns
Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Adérito Miranda, Gabriel Rosa, João N'gola Trindade, Lito Silva, Mário Pereira, Mbangula Katúmua

Brasil: Francisco Ladeira

**Normas editoriais**

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade

Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro
(presidente)

Administradores Executivos

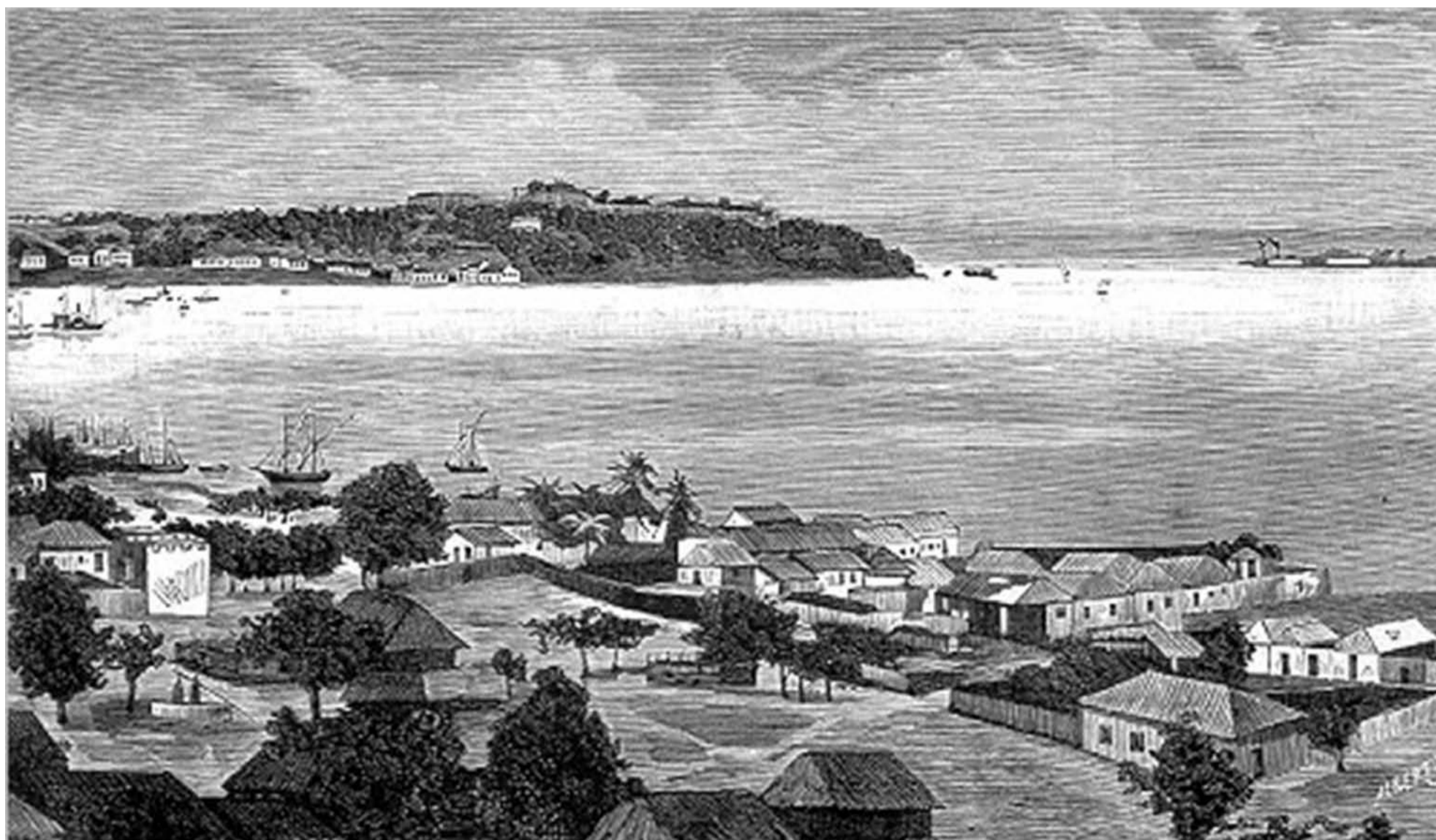
Victor Manuel Branco Silva Carvalho
Eduardo João Francisco Minvu
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
Catarina Vieira Dias da Cunha
António Ferreira Gonçalves
Carlos Alberto da Costa Faro Molares
D'Abril

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva
Engrácia Manuela Francisco Bernardo



Optimized using
trial version
www.balesio.com



Luanda. Uma linda panorâmica da cidade há mais de 150 anos. Foto Era Uma Vez...Angola, Paulo Salvador

QUANTOS ANOS TEM LUANDA?

Para o Bantu, a palavra- para ele, produto do espírito - é o elemento unificador do mundo. Ela, a palavra, está presente em tudo, tal como o espírito que a cria e segrega. Ela está presente na história, na geografia, no tempo, no espaço e no próprio espírito que a cria. Sem a palavra, o mundo-objectivo e subjectivo - não é descritível. Palavra é "mbimbi", com a mesma sílaba "mbi" de "nzumbi" que significa espírito, na minha língua, para indicar, na língua, de onde procede a palavra. Diz a Bíblia que Deus criou o mundo pela palavra. Ele disse: "Haja luz e a luz passou a existir. O homem, nomeando, pela palavra recriou o mundo, criando outro mundo - o mundo das palavras, com as quais expressa também a História com as datas e o nome dos lugares. Usemos, pois, a Linguística, ciência da língua, ciência da palavra, para compreender a História, que é feita, basicamente, pelo homem, e desmistificar.

Quando s
quatrocento
são as palavr
tamos a refe
que é Luand
rica, cultural



Luanda nã
Dias de Nova
antiga, de mouero bantu, enquanto
cidade, que deve ter cerca de mil
anos. Por cima da Luanda milenar
bantu, cujo nome foi dado pelos Ban-
tu, Paulo dias de Novais fundou a ci-
dade de S. Paulo da Assunção de

Luanda - a Luanda colonial. Ao nome preexistente, de uma Luanda já existente, Novais acrescentou, digamos, um epíteto - de teor cristão. A alusão ao nome de santos era recorrente, tendo em conta o alegado propósito da expansão da fé, quando não era o nome dos seus heróis - Afonso Henriques, Silva Porto, Sá da Bandeira, Maria da Fonte, etc. No Brasil fundaram a cidade de S Paulo; no reino do Kongo, a preexistente Mbanza Kongo foi renomeada S. Salvador; uma das ilhas do arquipélago situado perto da costa do reino do Kongo tomou o nome de S. Tomé. São esses, entre outros, os nomes que os Portugueses introduziram nos lugares por onde passaram. Porém, Luanda e Mbanza Kongo, entre muitos outros, são nomes locais que referem lugares preexistentes. Num acto de política linguística muito louvável, São Salvador - São Salvador do Congo - voltou a ser Mbanza Kongo.

Que palavra é Luanda?

Muita gente acredita que Luanda é uma palavra criada pelos Portugueses - e não só a palavra. Penso que isso se deve, também, ao facto de se dizer que Paulo Dias de Novais fundou a cidade de S. Paulo da Assunção de Luanda ou, simplesmente, que fundou a cidade de Luanda, o que é mais grave. Vamos, pois, fazer uma análise linguística para situarmos linguisticamente a palavra Luanda ou seja co-

nhecer o seu exacto contexto linguístico e cultural.

Do ponto de vista lexical, o topónimo Luanda, na sua sílaba final, "nda", tem afinidade fonética e semântica com Uganda, Rwanda, Kambinda (Cabinda), Lunda, Ndala (Ndala Tandu), Kapanda e muitos outros topónimos do mundo bantu.

Do ponto de vista das sílabas iniciais, lua (lwa), Luanda (Lwanda) tem o mesmo tipo de afinidades com Rwanda (uma vez mais) e o "r" naquela região do mundo bantu parece corresponder ao "l" na nossa região. Assim, Rwanda e Luanda seriam o mesmo nome. O nome Luanda tem afinidade, na nossa região, com Luaximu e Luau, entre outros.

Como veremos mais adiante, essas sílabas têm significado e cada uma delas refere e representa uma característica do lugar ou dos habitantes a que o topónimo diz respeito, ao tempo que o topónimo foi criado.

Porquê esse lugar e quando assentaram aí?

Luanda, enquanto lugar habitado pelos Bantu, é, em primeiro lugar, a consequência da grande migração e expansão dos povos bantu, iniciada, segundo alguns historiadores, entre há 2.000 e 1.500 anos. Vamos estimar que os Bantu chegaram ao lugar que hoje é Luanda há mil anos. Porquê que os Bantu assentariam num lugar que não tem água, não tem rio? É que



ADÉRITO MIRANDA

há mil anos havia um rio e essa é a segunda razão. Esse rio foi secando progressivamente até se transformar naquilo que hoje é o Rio Seco. Foi a existência desse rio que tornou possível a existência de Luanda. A zona era riquíssima e atractiva. Tinha água, muito peixe, muita caça - incluindo animais de grande porte, como pacaças e até o leão - antílopes em quantidade incalculável, incluindo a cabra e era uma zona paisagística, como ainda hoje se vê, defensável e estratégica do ponto de vista militar, que o digam os Portugueses nos seus confrontos com Ngola Kilwanji.

O que significa Luanda?

Os Bantu tinham um método próprio para dar nome aos lugares. Eles usaram pouco mais de trinta sílabas, codificadas com relação às características morfológicas do lugar (montes, morros, rios, rios com afluentes, planícies, etc.) e às características psicológicas e ocupacionais dos habi-

tantes – principalmente as características do lugar – e, pela junção de duas ou mais dessas sílabas, que indicavam duas ou mais características do lugar – as mais distintivas – davam nome ao lugar.

Há dois grupos de sílabas recorrentes. O primeiro significa apenas território e serve, meramente, para indicar que a palavra em causa é um topónimo. Essas sílabas são, por ordem decrescente da extensão do lugar: nza, ndu, xi, la. “Nza” e “ndu” podem, por vezes, desnasalizar-se e aparecer sob a forma de “za” e “du”, respectivamente, bem como todas as outras sílabas que iniciam com pré-nasal (nda, mba, mbu, etc.). O segundo grupo é: la (novamente) e nda, podendo, por vezes aparecer juntos, como em Ndala (Ndala Tandu) e Lândana. Estas duas sílabas ou códigos são icónicos na medida em que “la” representa lugar e “nda” representa passagem. “La” e “nda” têm oposição, na medida em que um representa um lugar onde se permanece e outro significa um lugar de onde se passa para outro. Mas um lugar pode representar as duas situações e os dois códigos aparecerem no mesmo topónimo, como vimos atrás, em Ndala Tandu e Lândana.

Ora, todo o lugar onde nos encontramos é, por definição e código, um “la” (lugar). Encontramos o código “la” em topónimos como: Nduala (Camarões), Kampala (Uganda), Nampula (Moçambique), Ndola (Zâmbia), Lândana, Maquela (do Zombo), Kibala, Mbangela (Benguela), etc.

De notar que os topónimos referentes a Angola, são aqui, geralmente, apresentados na sua versão em língua kimbundu e na ortografia convencional.

Quanto ao código “nda” (passagem), para um povo migrante, como o Bantu, quase todos os lugares são “nda” (passagem), pois deles se transita para o lugar seguinte, a menos que não haja transitabilidade. Inserir o código “nda” nos seguintes topónimos: Uganda, Rwanda, Kambinda (Cabinda), Lândana, Lunda, Ndala Tandu, Luanda, etc..

É evidente que nem todas as características de um lugar estão inseridas no topónimo que o designa, sob pena de o topónimo ter uma dimensão exagerada. Apenas se inserem no topónimo os códigos – sílabas – que representam as características mais representativas e distintivas.

Falamos por vezes de dois grupos de sílabas que representam lugares com outros, como mbanzala, etc.. Incluamos nesta lista, pelo menos, Zâmbia e Zanzibar.

Encontramos “ndu/du” em: Nduala (Camarões), Mbandundu (RDC),

Ndundu (Dundo), Mbalundu (Planalto central angolano), Rundu (Namíbia), etc.

Não temos qualquer informação sobre o nome e ortografia vernáculos da capital dos Camarões, que corre o mundo sob a grafia francesa de “Douala” e lido “dualá”, mas acredito que se passa com esse topónimo o mesmo que os Portugueses fizeram com Ndala Tandu, que desnasalizaram a mesma sílaba, “nda”, e grafaram “Dala Tando”, o que, até hoje, se mantém. Se desfrancesarmos o referido topónimo e o reinserirmos no contexto fonético e ortográfico das línguas bantu “Douala” (dualá) é “Nduala” e pronunciado (nduála).

Encontramos “xi” em: Muxiku, Xibya, Xikala, Xingwali (Chinguar), Kinaxixi, etc. O código “la” foi sobejamente exemplificado acima. “La”, como código mais pequeno para designar lugar, pospõe-se ou antepõe-se, frequentemente, aos códigos maiores, nza e ndu, para lhes limitar a extensão, pois nza, por exemplo, pode representar até universo, como quando aparece na palavra Nzambi (Deus), etimologicamente: o espírito do universo. Então, surge “la” depois de “nza” em sanzala (aldeia), tal como “a”, com a mesma função em Nduala e Kwanza. A vogal “a”, enquanto código, serve, entre outras coisas, para limitar a extensão dos conceitos.

Apresento apenas mais dois códigos: lu e lwa.

“Lu” é para sinalizar lugares altos, aqueles situados em montanhas ou

planaltos ou que têm montes ou próprios montes. Note-se que monte, em algumas línguas, como o kimbundu, se diz “mulundu”. Note não só as sílabas “lu”, mas também “ndu” inseridas na palavra que não é, entretanto, um topónimo. Lugares altos: Ngulungu, Lubangu, Lunda. Chamo atenção para o facto de que, dentro das vogais, ser a vogal “u” que representa “o alto, em cima”. Podemos ver esse facto representado na Toponímia. A esse respeito vemos o nome do país que é, talvez, o mais alto de África – Uganda. Em Angola, vemos Uambu (Huambo), situado no Planalto central. Céu, por ser o lugar mais alto que existe leva os dois códigos (u, lu) e diz-se, em kimbundu, “dyulu. Na mesma língua, em cima, diz-se, esclarecedoramente, “bulu” (bu-lu) (em-cima) (no-alto).

Chamo também atenção para o facto de os Portugueses não entenderem essas coisas, tal como nós, hoje, e ao nome Golungo (Ngulungu) terem acrescentado a palavra Alto, porque o lugar é alto, de facto. Não seria necessário, porque o Bantu já havia cuidado disso ao inserir a sílaba “lu” (alto) no topónimo que criou.

Sobre a sílaba “lu”, chamo, ainda, atenção para o nome do monte Kilimanjaro, ponto mais alto de África, o qual nome, nas línguas da nossa região, seria “Kidimanzalu”. Note-se a sílaba “lu” (ru), que o identifica como lugar alto e a sílaba “nza” (nja) que o identifica como topónimo, porque, na Linguística bantu, os nomes de cidades, rios e relevos pertencem a uma só e mesma categoria, como se pode ver.

O último código toponímico a as-

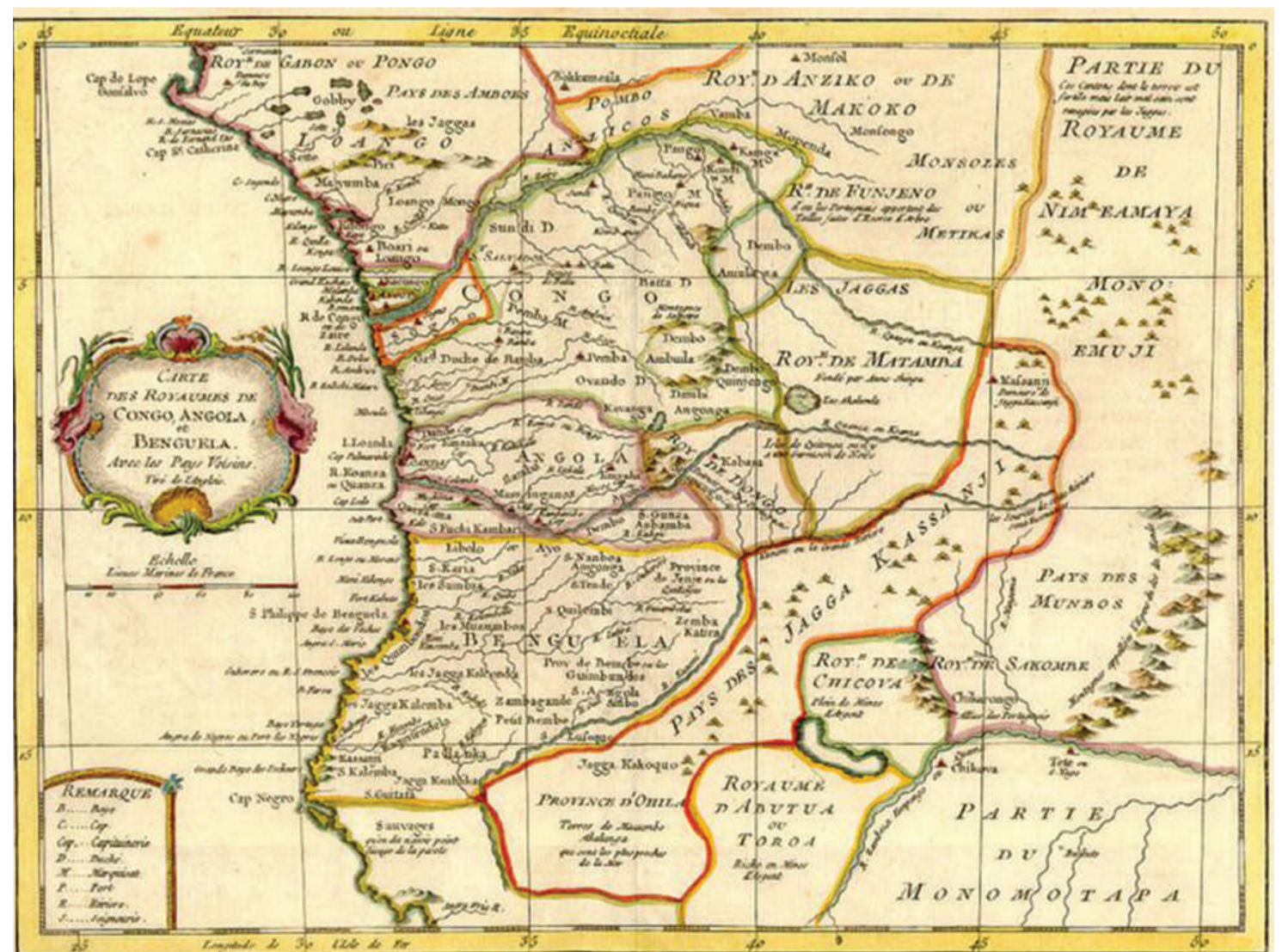
sinalar neste trabalho é “lwa”, um código com duas sílabas e, com isso, estaremos a aproximar do topónimo Lwanda.

A vogal “a” tem como uma das suas funções, para além dos seus significados, diminuir a extensão do significado ou a extensão e o significado da sílaba anterior ou da seguinte, como dissemos atrás. Assim, se “lu” representa montes, “lwa” representa morros. Concluimos, então, que Luanda (Lwanda) significa “a passagem dos morros”. Na verdade, Luanda é, por um lado, a única passagem junto à costa que, do norte, dá acesso ao sul e vice-versa. Por outro lado, uma das características morfológicas distintivas de Luanda é a existência de morros: Morro da Fortaleza, Morro da Samba, Morro da Luz, Morro da Corimba, Morro Bento e Morro dos Veados. Note-se que estamos falando da Luanda tradicional, não estamos falando do Marçal nem do Rangel.

Devem ter, já, reparado que estamos usando o termo código em dois sentidos, ora designando sílaba codificada, ora designando o conjunto das sílabas codificadas.

Lugares de Luanda: a Maianga

Com a progressiva diminuição do caudal do rio chegamos a um ponto em que já não havia água no leito do rio. O rio secou. Esta era a situação prevalente há cerca de quinhentos anos, pouco tempo antes da chegada dos Portugueses. Nesse tempo, já não havia água sobre o leito do rio, porém havia-a ainda debaixo do leito.



O reino da Matamba (1631-1744)



Optimized using trial version
www.balesio.com



Luanda 1871

Depois que o rio de Luanda secou, na procura da água, o povo cavava poços no leito do rio, de onde a extraía. Poço de água diz-se em kimbundu, língua de Luanda, manyanga (manhanga). É nesta azáfama, da procura de água, que os Portugueses encontraram a população de Luanda e, deturpadamente, manhanga pronunciavam maianga. Temos aqui a génese do nome do bairro da Maianga, hoje nome de distrito – o distrito urbano da Maianga.

A Samba Luanda

Devo dizer que fico triste quando ouço dizerem Mbanza Luanda. Na verdade, mbanza é uma palavra da língua kikongo para designar cidade. Cada língua tem as suas palavras próprias e cidade, em kimbundu, é "samba" tal como aparece antes de certos topónimos: Samba Caju, Samba Lukala, etc. em paralelo com Mbanza Kongo, Mbanza Kitele, etc..

Com relação a Luanda, diz-se apenas Samba ou a Samba de Luanda como se a Samba fosse um bairro, uma sanzala. As sanzala(s) (bairros) de Luanda são a Kinanga, a Kamuxiba e outras sanzalas. O conjunto dessas sanzalas constitui uma unidade administrativa maior que se designa como "samba" que, em português, se deve traduzir por cidade. Não há, pois, uma Samba, uma Kinanga, uma Kamuxiba, etc. Há, sim, uma Kinanga, uma Kamuxiba e outras pequenas unidades administrativas (sanzalas) as quais, uma unidade administrativa superior tendida, na Europa e ocidente trata, pois, de cidades. Samba Luanda, Samba Caju, Samba Lukala, etc.

Um lugar não atinge a dimensão administrativa de cidade, mbanza ou samba do dia para a noite. Ele tem que atingir um crescimento urbano, económico e social considerável e elevado a um certo nível de reconhecimento político ou simbólico, para tal. Luanda, antes da chegada dos Portugueses, era um burgo relativamente extenso, homogéneo do ponto de vista cultural, que até determinada altura incluía o território da Azanga – Ilha de Luanda. Do ponto de vista económico e social, a margem esquerda do rio distingue-se dos lugares que se situam na margem direita, como o Kinaxixi, por força da posição dos lugares da margem esquerda, junto ao mar e dele dependentes e

que os transforma num centro económico e comercial que só poderia ser comparada, mas num nível económico superior, com a ilha grande – Ilha de Luanda (Azanga) – se fosse uma área comercial, que não era, pela sua condição de banco central do reino do Kongo, a partir de uma data ainda desconhecida, talvez por acordo político e comercial de conveniência entre os Ngola, do Ndongo, e os reis Kongo, possivelmente devido à necessidade, sentida pelos Ngola, de circular livremente nos mares dominados pelo reino do Kongo, na costa africana, ou como qualquer outro tipo de tributo do Ndongo à potência marítima regional que era o reino do Kongo, como a palavra kimbundu "dikongo" (dívida) parece revelar.

O primeiro sinal da importância e grandeza de Luanda reside no facto de as suas embarcações – militares e de pesca – os "ulungu" (canoa) serem fabricadas de um só tronco, o que requer grandes árvores, e Luanda não tinha, não tem, florestas que lhes dêem tais árvores. Os barcos dos pescadores e marinheiros "kalwanda", assim se chamam os naturais da Luanda continental (os da Luanda insular – Azanga, Ilha de Luanda – são chamados Axiluanda e não cabe aqui explicá-lo) eram fabricados, por contrato, nos estaleiros navais do Ngulungu (Golungo) e desciam até a costa, no Mbengu (Bengo), de onde eram trazidos para Luanda por uma segunda tripulação que vinha num barco do – ou fretado pelo – contratador kalwanda.

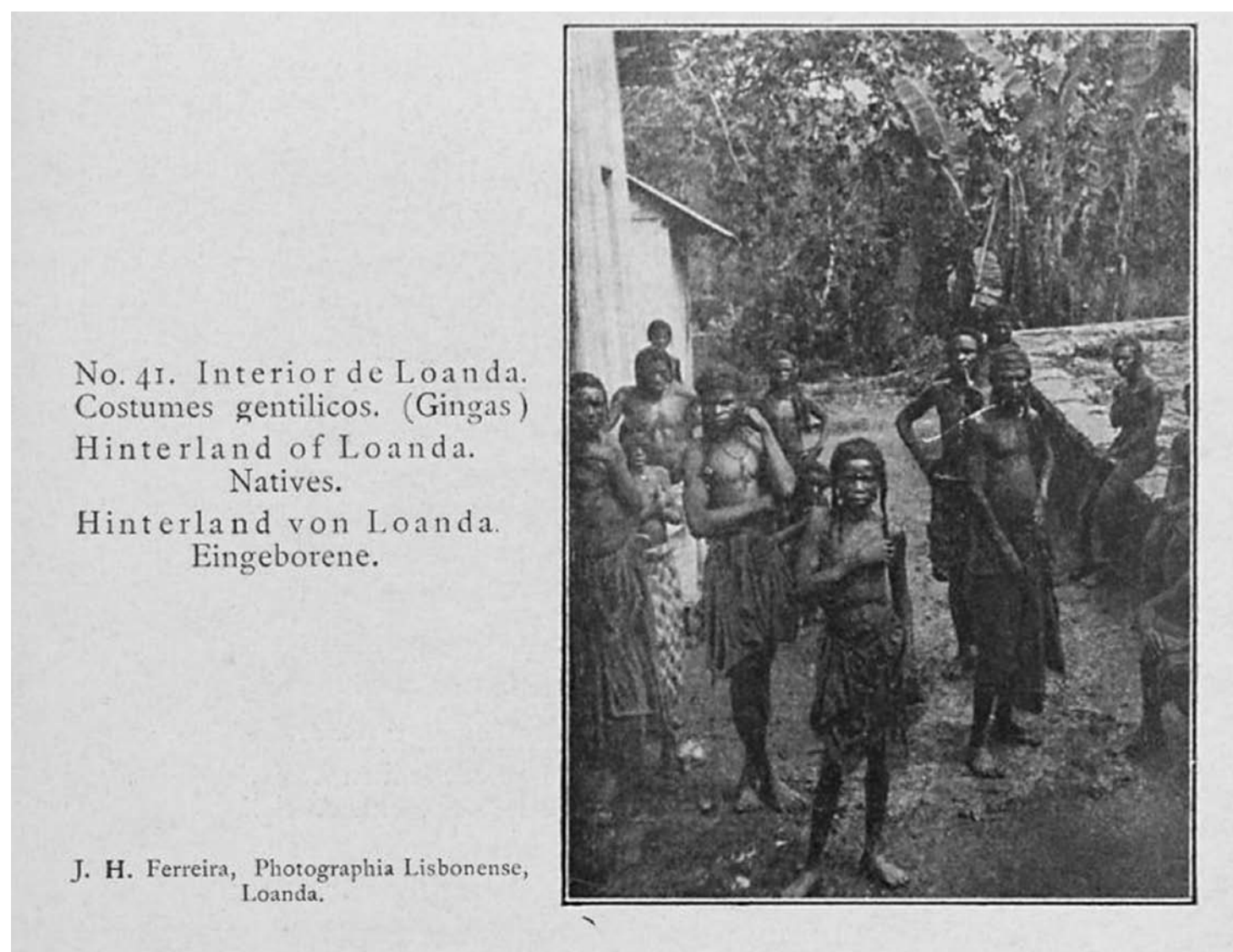
Em Luanda só os Kalwanda, por essas e outras razões, podiam ser detentores de barcos e ser pescadores.

Gente de outras proveniências tinham que contentar-se com ser mabangueiros, se quisessem – apanhavam mabangas à mão, como ainda hoje se faz.

O gênio comercial dos Kalwanda, detentores de indústrias de peixe seco e peixe fumado, é tal que, para o prato principal da sua culinária – o "muzónguè" (caldo de peixe) eles só dão o peixe, sendo tudo o mais produto do comércio regional: o óleo de palma (maji ma ndende) (óleo de dendém) tem a sua origem no então Protectorado dos Ndembu (Dembos). Note-se a sílaba "nde" do seu produto repetida no início do topónimo (ndende-ndembu). O sal (múngwa) provém das minas de sal da Kissama, provavelmente. E, depois da introdução da mandioca pelos Portugueses, como reza a História, a mandioca entra no "muzónguè", juntamente com a batata doce (mbónzò) e, ainda coma mandioca fabrica-se a farinha de mandioca com a qual se confecciona o pirão (não confundir com o pirão sulano), acompanhamento do "muzónguè", servido a parte. Todos esses produtos vinham de fora de Luanda através do comércio – até mesmo a farinha, derivado da mandioca, produto novo. Estamos falando da Luanda pré-colonial – a Samba Luanda, criada e fundada pelos Bantu, que não tem quatrocentos anos.

Desmistificar e redefinir a identidade

Esta samba, a Samba Luanda, não tem quatrocentos e tal anos. Vamos nos arriscar a dizer que tem cerca de mil anos. É uma cidade antiga fundada pelos Bantu no Período Africano.



No. 41. Interior de Loanda.
Costumes gentílicos. (Gingas)
Hinterland of Loanda.
Natives.
Hinterland von Loanda.
Eingeborene.

J. H. Ferreira, Photographia Lisbonense, Loanda.

Interior de Luanda

A Luanda pré-colonial Sua dimensão política, económica, comercial e social



Optimized using trial version
www.balesio.com

Luanda é uma cidade africana tradicional milenar. A cidade que tem quatrocentos e tal anos é a Luanda colonial, que começou por crescer, mais ou menos na direcção oposta à da Luanda tradicional, onde está a sua característica mais distintiva – os morros. Hoje, que Luanda retomou o seu crescimento na direcção inicial e em todo o perímetro “das duas Luandas”, em que Luanda nos encontramos, na Luanda de quatrocentos e quarenta anos ou na Luanda de cerca de mil anos?

Algum subsídio linguístico

O código toponímico bantu

O nosso tema está esgotado, em certa medida, e a nossa intenção concretizada. Quero, porém, presentear os leitores que se dignaram ler o nosso trabalho até o fim com a informação das aludidas trinta e tais sílabas que integram o código toponímico bantu. Não os brindarei, entretanto, com o seu significado porqueno cabe no âmbito deste trabalho. A intenção é, apenas, que, com elas, e mais algumas sílabas comuns, não pertencentes ao código toponímico, mas que entram na formação de alguns toponímicos, procureis reconhecer o código dos toponímicos do mundo bantu. Senão dos Camarões à África do Sul, pelo menos os lugares de Angola – províncias e municípios.

São as seguintes as sílabas que constituem o código toponímico bantu: nza, ndu, xi, la; nda; ku, nji, nza (para lugares e rios); u, lu, lwa (lua), lo, i; ko; ndi; mba; mbu; ngu, vu, mbo; e; sa, mbe, mbi, ngo; nga; na/ne; nze; ndo; a; prefixos - do plural: ma; locativo: mu; de categoria administrativa: ki, ka.

Obs: na/ne significa que “na” pode ser substituído por “ne”, como se pode ver em Kunene (rio grande) que seria “Kunana” (uma espécie de nosso Rio Grande do Sul) talvez para evitar homonímia com o verbo “ku nana” (kunana) que significa crescer, aumentar de volume. “Na” aparece na sua forma original, por exemplo, em Nambwangongo.

Quando falamos do significado das sílabas, temos que ter em conta que cada uma delas pode ter até quatro significados, se não mais. Não pensemos, pois, que “la”, por exemplo, aparece sempre com o significado de lugar e o mesmo acontece com todas as outras sílabas não só da Toponímia como de outras disciplinas e do léxico.

Tenham em conta as alterações fonéticas introduzidas na língua portuguesa “ndu, ngu” mudando para “ndu, mbu”, etc., por exemplo, bem como com outras sílabas pré-nasaladas. Ter em conta também as alterações introduzidas pelas outras línguas coloniais, nos toponímicos dos territórios dos outros países ex-coloniais, o que deturpa a

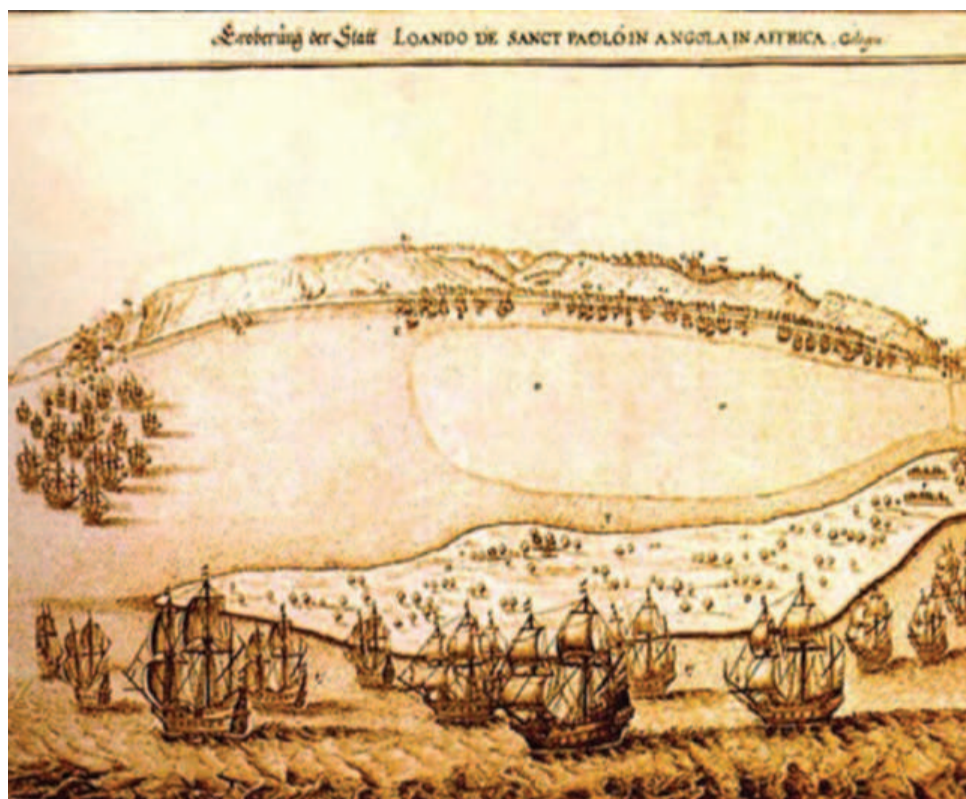
verdade linguística e até histórica.

De notar que, essas trinta e tal sílabas podem aparecer em diferentes regiões do mundo bantu sob outros valores fonéticos dentro das próprias línguas bantu: “b” por “p” originando que “mba” passe a “mpa” (Kampala) e que “mbu” passe a “mpu” (Nampula); “l” por “r” originando que “lu” passe “ru” (Burundi) e que “lwa” passe a “rwa” (Rwanda); “d” por “l”, “z” por “j”, “l” por “r” originando que Kilimanjaro seria na nossa região “Kidimanjalu”. Tal com em Burundi (Mbulundi), note-se que ru/lu designa “monte, lugar alto”. Se atentarmos igualmente que “nja” se converte em “nza” e que “nza” é o código maior para representar lugar, isso dá-nos a informação codificada de que Kilimanjaro não é só um ponto alto, mas o ponto mais alto do mundo bantu, tal como estamos informados pelos Europeus. Isso mostra ainda que, antes que os Europeus viessem a África e que com as suas técnicas no-lo “revelassem”, nós, os Bantu, já o sabíamos e tínhamo-lo documentado na língua.

Desejo bom trabalho àqueles leitores que aceitarem o desafio. Eu deixo o meu contributo, lançando a primeira palavra e ela é... Sambizanga. Contém quatro das sílabas assinaladas no código toponímico e não tem sílabas do léxico comum. Identifique você, agora, as suas – mais que uma, evidentemente.

Luanda, 18 de Janeiro de 2016

Adérito Miranda é Investigador de Linguística bantu e Professor universitário



Porto de Land, sec. xviii

Nota bibliográfica

Os dados contidos no presente trabalho, com excepção daqueles aprendidos no ensino liceal e outros do domínio público, foram obtidos ao longo dos anos, desde 1982, a partir de pesquisa de campo, excepção feita, também, aos referentes ao Rio Seco e Maianga, que encontrei em 1982, na Biblioteca do Arquivo Histórico, em obra cujo título me não lembro, de autor português.

Os dados sobre Linguística bantu constituem investigação original do autor, iniciada em 1985 e constitui uma linha de investigação que não

tem relação com a linha seguida pelos linguistas europeus e americanos, apesar dos pontos de contacto que possam ter. Os trabalhos do autor são orientados, também para a estrutura morfológica das palavras das línguas bantu, mas constituem principalmente uma pesquisa sobre a produção do significado nessas mesmas línguas, o que permite recolher informações valiosas contidas nas palavras sob forma codificada. Minha investigação consiste, em suma, em estudar o código linguístico das sílabas e dos fonemas das línguas bantu, elementos constituintes das palavras, maioritariamente a partir da língua kimbundu.



Luanda colonial



Optimized using
trial version
www.baesio.com

EMANUEL KUNZIKA

MORRE O HOMEM E FICAM AS UTOPIAS

MATADI MAKOLA |

Se em 27 de Fevereiro passado o destino forçou todos os angolanos a escreverem de forma solene uma dolente elegia a Lúcio Lara, o país voltou a estar órfão de outro protagonista da sua História, no passado 12 de Março: Emanuel Kunzika sobre “à providência divina”, palavras que o próprio usou para referir-se a todos os angolanos que tombaram no decurso da mais elevada missão angolana: o fim do jugo colonial e a consequente construção da Nação Angolana. Foi numa tarde de 28 de Janeiro do ano em curso, na sede da União dos Escritores Angolanos, que lançou o livro *A formação da Nação Angolana Através da Luta de Libertação*.

“Este livro é resultado de um trabalho de monografia, para terminar um ciclo de estudo. Como o desafio foi apresentar um trabalho que demonstrasse a área que melhor dominava, eu escolhi retratar a formação da nação angolana através da luta de libertação. Quando acabei este livro, apresentei-o nesta forma que publico e muita gente ia em minha casa para comprar. Foi um grande suporte económico para mim e para a minha família”, assim abriu Kunzika a crónica sobre os momentos que escolheu como os mais importantes e que teriam peso para serem partilhados.

Apresentado pelo sociólogo angolano Baptista Lukombo, este analisa a obra como ilustrativa da vida de Kunzika, acentuando a formação do GRAE e a relação deste com os líderes dos principais movimentos de libertação. Resume: “O manual apresenta um quadro da política colonial portuguesa e acções empreendidas pelas diversas organizações nacionalistas angolanas sediadas em Leopoldville. O autor nos faz uma panorâmica do seu percurso com destaque para a petição a favor de Angola apresentada na Assembleia das Nações Unidas em 1961, em Nova Iorque, no considerado ano do início da luta armada em Angola: datas 4 de Fevereiro e 15 de Março”.

Disse-lhe “Bem-vin

Natural d. início de M

cia do Uíge. República D

1938 a 1963

do de Estudos Políticos Sociais. Continuou os estudos nos Estados Unidos da América, nas universidades Nova Iorque e Abraham Lincoln (Filadélfia), de 1963 a 1968, tendo obtido os certificados de Organização e



Optimized using trial version
www.balesio.com



Kunzika mostrando o único exemplar que sobrou da tese em que aborda o nacionalismo angolano e a luta de libertação

Orientação Escolar e de Professor de Português e Espanhol. Volta ao Congo Democrático e consegue a graduação em Ciências Económicas e Desenvolvimento e em Ciências Político-Administrativas e Jurídicas, de 1968 a 1971. Foi na Universidade do Zaire, entre 1970 a 1974, onde consegue o diploma, com a apresentação de uma monografia que agora lança em livro, aumentada com outros documentos e momentos da sua vida política: Vice-Primeiro-Ministro do Governo Revolucionário de Angola no Exílio e Vice-Presidente da FNLA de 1962 a 1974.

Quando decide regressar a Angola, foi no dia 21 de Março de 1976. Foi um sábado, quando chegou a Makela. O comissário mandou preparar o transporte para ele chegar até Uíge. Ele e Dombele Fernando chegaram à capital da província no dia 23 e foram bem recebidos, com a magna notícia de que pela primeira vez o presidente viria a cidade do Uíge. Agostinho Neto visita Uíge no dia 25 de Março deste ano. Chegada a hora, foi posto numa sala de espera e julgava que o comissário já tivesse informado ao presidente da presença do seu retorno ao país. Quando entrou onde estava, Neto disse: “Bem-vindo, Kunzika”. Comovido, não soube o que dizer ao presidente. Quando lhe segurou a mão, Kunzika respondeu: “Só hoje chego”. Ao que Neto, cordialmente, replicou: “Mais vale tarde do que nunca. Se saíesses antes, talvez não tivesses chegado vivo”.

Neto convida-o ao banquete e Kunzika não sabia o que oferecer ao presidente. Decide então oferecer um exemplar da sua monografia. Neto foi a primeira pessoa em solo angolano a tomar contacto com o livro. Um dia depois, 26 de Março, foi o dia de uma grande reunião do Partido. À tarde, o presidente manda avisar Kunzika para que estivesse disposto a acompanhá-lo a Luanda. Quando chegam a Luanda, era um dia de arco-íris, um sinal bom para alguém que tinha fé.

Neto disse-lhe que já tinha arranjado alguém para acolher Kunzika mas não encontrava esta pessoa. Mas uma outra pessoa, Lúcio Lara, a mando directo de Neto por telefone, preparara um lugar no Hotel Trópico, onde Kunzika viveu por quase um ano.

Depois, o presidente manda chamar Kunzika e é recebido por Lopo do Nascimento, na altura Primeiro-ministro. Foi enviado ao Gabinete do Comércio Interno e um ano depois assume o cargo de director-geral adjunto da ENDIMBI, cargo que ocupou até 1996.

Foi ele próprio que pediu a sua aposentadoria, com intuito de gozar todo o seu tempo empenhado em terminar um *Dicionário de Provérbios Africanos em Kikongo*, traduzidos em francês e inglês. São mil e um provérbios, seguindo a sequência de Mil e Uma Noites, de Ali Babá. O dicionário ganhou grande aceitação junto da massa estudantil e intelectual angolanas, tendo sido apresentado pelo respeitado professor Vato-

mene Kukanda e merecido a prestimosa intervenção no prefácio de Pinda Simão, que num dos pontos diz: “O Dicionário de Provérbios, único no seu formato, contém um manancial de sabedoria que, bem usado, é um instrumento essencial e rico de conhecimento. Posto à disposição das comunidades, das Universidades, Bibliotecas, Centros de Investigação e Escolas, contribuirá, tenho a certeza disso, para o conhecimento da realidade e riqueza da cultura de África e, particularmente, da cultura kongo, ajudando assim a reafirmar a nossa participação na construção dum mundo melhor neste século de mundialização”.

Quando o dicionário sai a público, em 2008, Kunzika encontra finalmente um editor que aceita publicar o livro versado em História e Política angolanas recentes. Kunzika disse logo que não tinha nada a retribuir, senão estas palavras que transcrevemos: “Um bem feito, nunca é perdido, mesmo que fosse esquecido pelo beneficiado, fica sempre à espera do seu semeador”.

Este livro é uma composição de várias outras obras. Inclui a sua petição que apresentou na 16ª Assembleia das Nações Unidas, no dia 24 de Novembro de 1961. E desse dia, lembra que lhe fizeram as seguintes perguntas: “Porquê vocês estão divididos?” e “Se alcançassem a independência, que tipo de contrato manteriam com os portugueses?”. Ao que respondeu: “Na vida há um princípio da impene-

JOÃO GOMES

trabilidade, que rege que dois corpos sólidos não podem entrar no mesmo lugar na mesma altura, ou seja, querer ocupar a mesma cadeira na mesma altura, e só há uma cadeira da presidência. Em relação aos portugueses, respondeu: “Não estamos a lutar contra os portugueses, mas sim contra o regime. Nós também somos portugueses”.

Depois vão a Londres, ainda neste importante ano de 61, convidados para falarem no parlamento britânico pela defesa dos presos políticos, nos quais constava Agostinho Neto. Falavam em nome da Amnistia Internacional, que tinha organizado este encontro. Recordou: “Fizemos o encontro com um grupo em Londres, de brancos que nos chamavam irmãos. Lá também encontramos um missionário que passou em Mbanza Kongo e que falava em nome de Angola, mas muito beliscado por ser branco. Quando se apercebe da chagada em Londres da nossa delegação, corre ao hotel buscar-nos e apresenta-nos à mídia londrina como sendo seu irmão negros angolanos que poderão falar com toda a legitimidade”. E assim fizeram, dando entrevistas a órgãos de destaque como a BBC.

Desafiar Salazar

Fora as pretensões académicas, escolheu este título como forma de desafiar/contrariar António Salazar, quando dizia: “Ouve-se gritos lá fora a pedir a independência de Angola, mas Angola é uma criação portuguesa onde não existe uma consciência angolana mas sim portuguesa. Todos de lá são portugueses de Angola”. Convicto de que não podíamos concordar com esta diatribe retrógrada do colonizador português, quis mostrar aos que assim pensavam que já os angolanos tinham na cabeça e no coração o sentido de Nação Angolana, sendo o ideário pátrio o motivo ardente de toda perpetrada luta de libertação nacional.

O mundo virou uma nova página com o fim do regime colonialista, com grande ajuda dos africanos. Como investigador, das vezes que foi a Portugal verificou que Salazar tinha deixado todos os arquivos na Torre do Tombo. É assim que numa dessas visitas encontra um espólio sobre Angola, e ali encontrou um relato da sua apresentação na Organização das Nações Unidas, quando o representante do

Optimized using trial version
www.balesio.com

uma grande ajuda de Portugal para si. Da participação angolana na conferência da Organização Mundial da Juventude, o livro traz também a intervenção de Agostinho Neto, Holden Roberto e a de Kunzika neste dia, onde os três falaram sobre a unidade angolana.

Utopia

Durante o exílio, criou um Instituto Secundário Angolano, com direito a diploma. Nos dias que correm, um dia vai ao ministério das Relações Exteriores e esbarra-se com um senhor que o chamou professor Kunzika e acusando-o como responsável da sua formação. Não o reconheceu, tinha passado muito tempo. Era um dos seus alunos. A formação tinha dados bons frutos.

Kunzika esteve presente aquando da criação da OUA, em 25 de Maio de 63, e Hailé Selassié fê-lo chorar quando discursava porque viu naquele dia que a unidade dos povos africanos era uma utopia possível. Aliás, naquela fim de tarde na União dos Escritores Angolanos, Kunzika não escondia que nunca morreu nele a utopia de uma nação angolana parida noutro manto que não o da discórdia entre irmãos, evitando para já a tão sofrida guerra civil e ingerências externas.

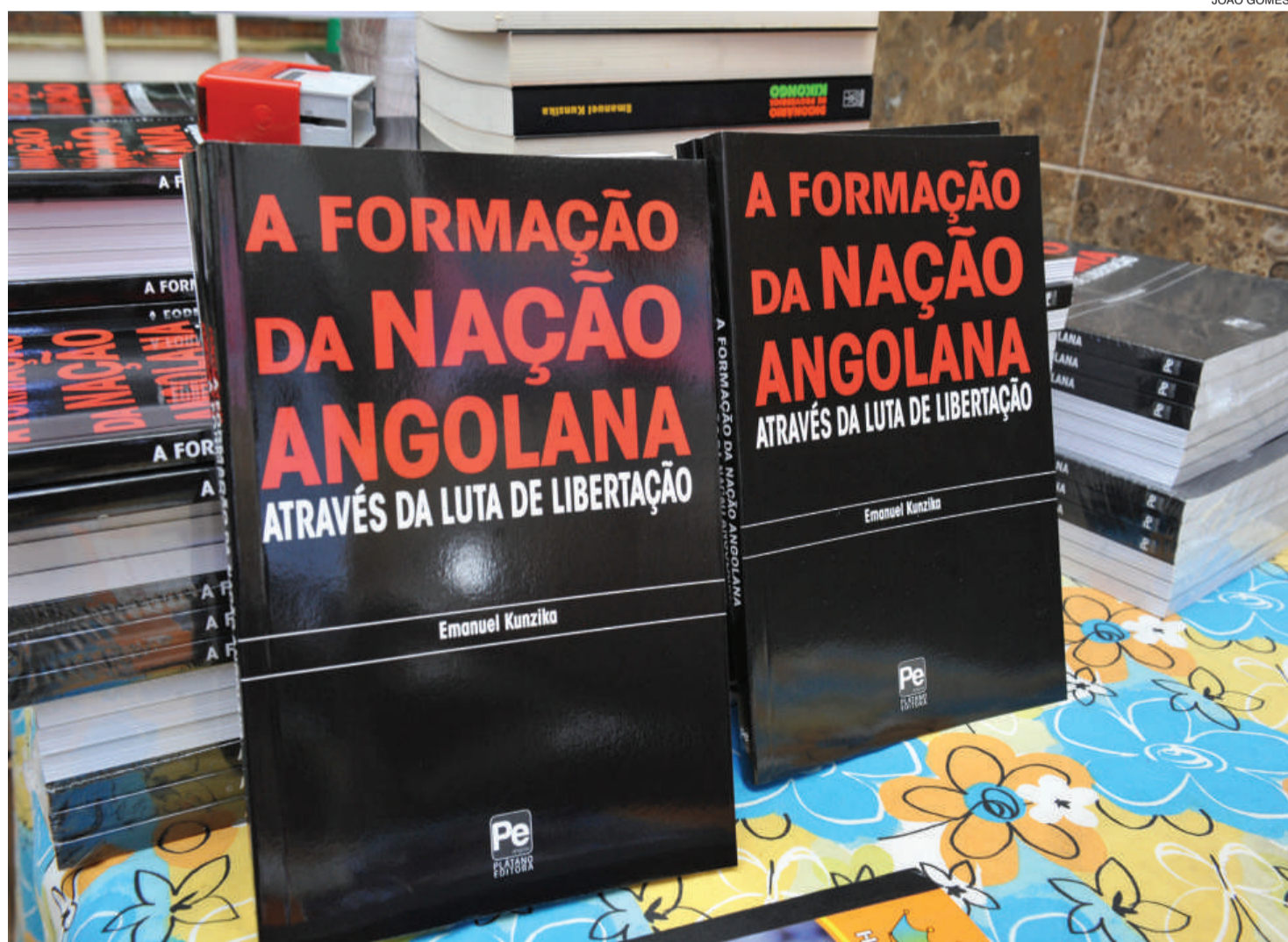
Agradeceu a Deus por lhe ter dado este tempo de apresentar o trabalho, um testemunho que deixa aos jovens desta nação pela qual lutou. Morre aos noventa anos aquele que aos 18 anos foi um dos 12 rapazes com os quais Simão Toco fundou o Coro de Kibokolo, em Kinshasa. Morre o homem e ficam as utopias.



Kunzika e Lukombo (à direita)

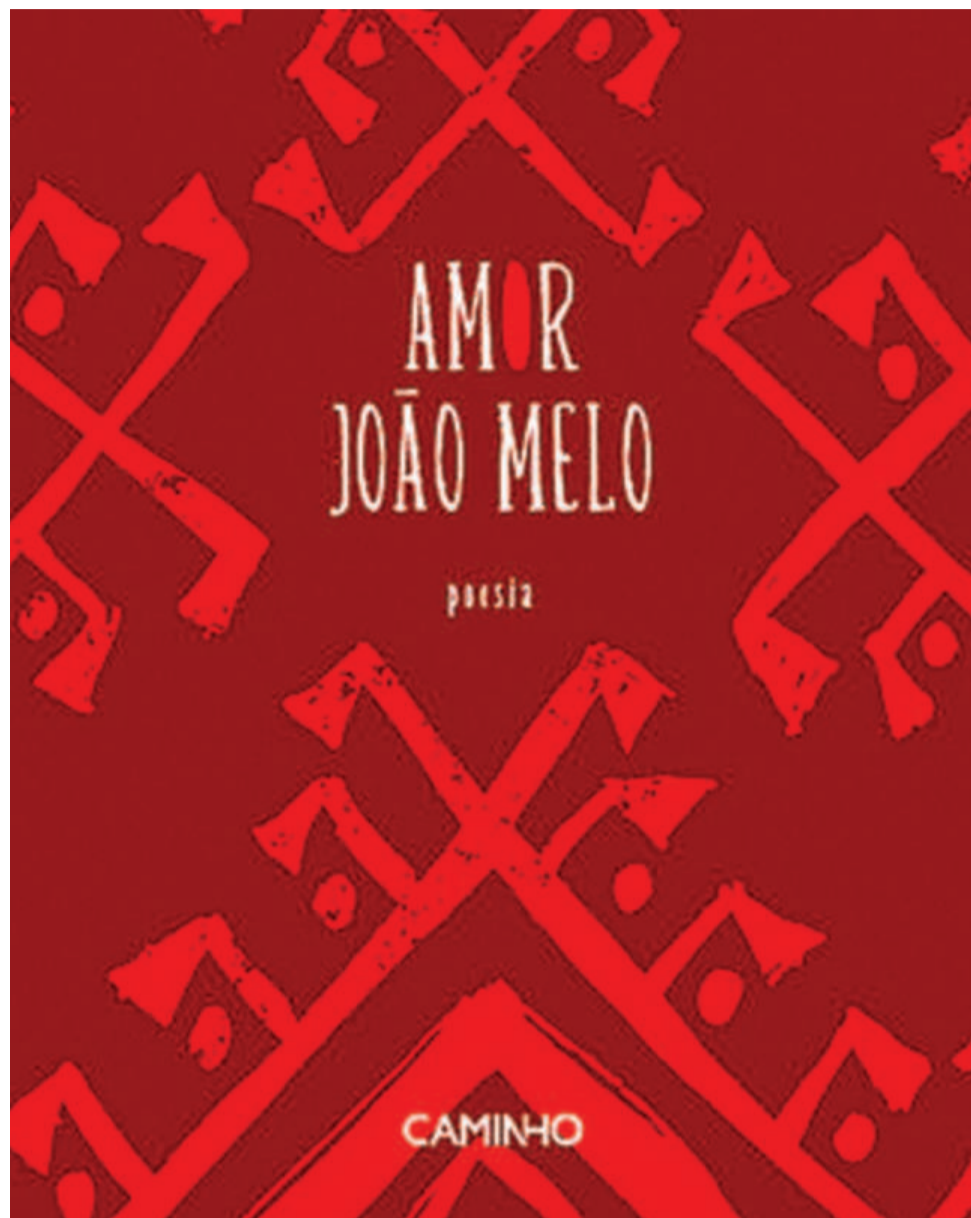


Autografando



"AMOR" DE JOÃO MELO

UM MOMENTO ALTO DA LÍRICA AMOROSA



Naquele que é considerado pelos guardadores de efemérides (coisas efémeras) o mês da Mulher, o poeta João Melo deixou ficar a marca do seu génio criador do verso sublime. O dia

10 de Março de 2016 foi o dia aprazado para o lançamento, no Centro Cultural Português/Camões, em Luanda, de mais uma obra de poesia "Amor". Esta obra constitui uma ousada via-

gem em torno do tema Amor, contado e cantado de seis perspectivas diferentes, a cada uma das quais o autor dedica um capítulo autónomo. Amor, na dimensão sentimental e espiritual, mas também amor físico, numa ousada incursão erótica.

O poeta português Nuno Júdice, que fez o posfácio da obra, considera "um acto de coragem ou, no mínimo, de ousadia, dar a um livro o nome de Amor". Apesar de ser um tema ancestral, considera, que visitar esse tema é sempre um desafio muito difícil, dado ter já sido abordado por poetas maiores da história da poesia."

Nuno Júdice explica que "João Melo vem dar à poesia angolana um momento alto da lírica amorosa, e prova - como se dizer isto não fosse uma redundância - que o amor continua vivo na poesia de língua portuguesa".

No acto de lançamento, o escritor informou que não fugiu o seu estilo habitual de escrita, afirmando que o quotidiano e as vivências servem sempre de inspiração na composição dos textos. Por outro lado, João Melo mostrou-se preocupado pelo facto de haver um certo desinteresse pela literatura, para além da fraca comparência das pessoas na apresentação e venda de livros.

Este é o terceiro de cinco volumes da sua antologia poética. "Não se trata ainda - espera-se - da sua antologia final, mas estamos claramente convencidos da sua importância e da sua utilidade para permitir aos leitores uma visão abrangente da obra deste autor africano de língua portuguesa", lê-se na nota do editor. Amor foi editado em

Setembro em Portugal. Antes já tinham sido lançados Auto-retrato e Cântico da Terra e dos Homens. Os últimos dois volumes da antologia são Polis, Poiesis e Exercícios e Linguagens que ainda não têm data de publicação.

UMA VASTA OBRA

João Melo nasceu em Luanda. É escritor, jornalista, publicitário e professor universitário. Como escritor, possui uma vasta obra, em géneros literários diversificados, designadamente conto, poesia, ensaio e crónica. Tem obras publicadas em Angola, Portugal, Brasil, Itália e Cuba e textos traduzidos para inglês, francês, alemão, húngaro, árabe e mandarim. Está representado em várias antologias de poesia e conto, em Angola e no estrangeiro. Em 2009, recebeu o Grande Prémio de Cultura e Artes, na categoria de literatura, pelo conjunto da sua obra.



João Melo

LOPITO FEIJÓO LANÇA LIVRO EM FRANÇA



Lopito Feijóo no acto de lançamento da obra em Paris (à direita)

O escritor Lopito Feijóo lançou no dia 18 de Março, no salão do livro de Paris, COEUR TELLURIQUE que é o seu primeiro livro de poemas traduzido para o francês.

A obra, cuja distribuição está já garantida para todos os territórios francófonos em África e no mundo, foi traduzida pelo conceituado poeta e professor de literatura comparada Patrick Quillier e editada pela "Federep editora". Comporta 107 páginas com um prefácio assinado por Mwène Okoundji que é uma das maiores vozes da moderna poesia congoleza.

Segundo o tradutor no acto de apresentação, "Lopito Feijóo é um herdeiro da palavra ancestral dos griots africanos dos séculos passados e também das grandes vozes da poesia africana do último século"

Já, para o poeta congolês Mwuené Okoundji no prefácio, "...indiscutivelmente, Lopito é autor de um canto que ressoa intensamente sobre os territórios africanos e principalmen-

te de Angola. Um canto de indignação. Um canto de interpelação. Um canto de buscas e de esperança. Um canto de causas próprias cujas evidências testemunham também o vigor dos mistérios da fauna e da flora da bacia do grande Congo, evocando vozes e até mesmo os murmúrios do Homem africano, sempre de acordo com a cadência rítmica dos tam-tam".

Testemunharam o acto de lançamento, que decorreu no espaço da região Aquitaine, a conselheira cultural da embaixada de Angola em França, Nicásia Pestle, que representou o embaixador angolano também convidado ao evento. Estiveram também inúmeros escritores participantes de mais esta edição do salão do livro de Paris que é já uma referência da cultura francesa e internacional e conta com a participação de mais 1000 editores de 50 países, centenas de escritores buscando editores e apresentando seus livros.

POEMAS: KIMBUNDU/PORTUGUÊS

MUSAMBU WA KAYADI (Kimbundu)

Ilembeketa ya Kituta ya tuluka mu jinjila ni dikumbi
Ni kumwangana mu kalunga ka mungwa

Eeh fumu ya akwa-kufwa ku mbila ni mbalale
Akwa-mwenyu we anga ana a mungwa ye!

Ha wala ni kikoto ku muxima we , za u jimbule
Ku disungilu kunu twala ni matwi ma kwiva
Inga ku jixixikinya ja Kasadi kuna
O kina kina-kina kia banga kya o kibetu kye!

Kana mutu u tena kubuluka o maju ma kinyoka
Kalunga-Ngombe yu, mubote wa kilulu
Kana mutu u tena kubuluka o jinjinda je!

Lelu o kamenemene ka zukama kamwanyu-kamwanyu
Ni wendelu wa kamwanyu ka nvula
Kiki twa sambela o jinzemba j'etu...

Enu, ana a lembwe ku mbila ni mbalale kuna
Za jinzemba ni ku tu bonza mwene
Za jinzemba ja ixi y'etu ni ku bonza
O hanji y'etu ya kukala anji ni mwenyu w'etu!

KALUMBA (Kimbundu)

Kalumba Ngana, kilumba ki'ami
Kalumba, kisémbu kia kalela-ku mu ikangalakata yoso

Ah Kalumba, kilumba kia mbeji mbandu ina
Eye kitulu kia ixi y'etu mu wendelu wa kiteumbu
Eye mwene kilukuluku kia hanji moxi di'ami

Ah Kalumba ngeji wa kalela-ku
Mu kuteketa ni kubwima kw'ami
Eye mwene Kalumba, kufungulula kwa mabuku
Ma sengwena ku Mbengu y'ami

Ngi tul'eme, ki ngandal'ami ita
Ngi tul'eme Kalumba, eye kizululu ki'ami
Eye mwene tetembwa yo-zande
Mu jihanji ja kulumbula o mwenyu

Eeh Kalumba, dizwi dia jinvula ja jihenda
Ngi fefetele anji
Ngi fefetele ima ya mukutu we wa tema
Mu itang

Kalumba
Kibumal
Ngi zuka

Za ngi nw
Wene u f
Kala hanj
Yene i ngi kwatela o mwenyu

Aaah Kalumba Ndamba!

SEGUNDA ORAÇÃO (Tradução portuguesa)

As sombras de Kituta* atravessam ruas com o sol
E dão para o mar preenchido de sal

Oh fidalgo dos mortos no além-túmulo
Os vivos também são teus filhos de sal!

Quem tem pesadelos no coração que o diga já
Aqui no disungilu* temos ouvidos para ouvir
Mas lá no formigueiro de Kasadi*
A sepultura armou uma emboscada!

Ninguém escapa-se dos teus dentes de víbora
Kalunga-Ngombe*, tecelão de tempestades
Ninguém escapa-se da tua fúria!

Hoje a madrugada aproxima-se lentamente
Com passos lentos de chuva
Tornando deuses propícios...

Oh filhos abandonados no além-túmulo
Que os deuses abençoem
Que os deuses da nossa terra abençoem
O desejo de sermos vivos novamente!

KALUMBA (Tradução portuguesa)

Kalumba meu amor
Kalumba, beleza eterna das savanas

Oh Kalumba, lua materna ao longe
Flor nativa no langor da brisa
Invocando o calor da paixão em mim

Kalumba peregrina eterna
No trémulo do meu suspiro
És tu Kalumba, a maré flutuante
Das águas serpentina do Bengo

Alivia-me então desta dor da guerra
Kalumba, meu encanto sagrado
Estrela fecunda aspirando
O desejo carnal da vida

Oh Kalumba, voz pluvial do amor festival
Conta-me desde agora
Conta-me ainda o segredo do teu corpo ardente
Nestes tempos de cacimbo

Kalumba
Lavanda aluvial da minha alma
Vem...!

Deixa-me beber a vaga profunda do teu coração
Que se abre imenso e pulsátil
Como prazer no gingar das tuas ancas
Pelas quais minha vida se faz cativa

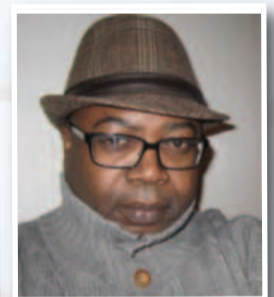
Aaah Kalumba Ndamba!

*Kituta = divindade que se julga habitar nas lagoas, florestas ou montanhas.

*Disungilu = lugar onde a noite se ajuntam algumas pessoas para conversar, namorar ou tratar de quaisquer assuntos.

*Kasadi = sanzala situada em Icolo e Bengo.

*Kalunga-Ngombe = divindade que preside a morte.



Kiba-Mwenyu é pseudónimo literário do poeta António Joaquim Marques, natural de Icolo-e-Bengo. Kiba-Mwenyu publicou as primeiras colectâneas de poesias na história moderna da literatura Kimbundu. 'Mukumbu ni Mulokoso' (Som e Movimento) 2005; 'Difuta' (Vragem), edição bilingue com tradução portuguesa, 2006; 'Miloza' edição bilingue com tradução inglesa, 2009. Em 2004, obteve o Grant da Universidade de Califórnia, Irvine, para escrever originalmente em Kimbundu e traduzir para língua inglesa a epopeia 'Ngundu-wa-Ndalla' (Songbird) publicada em 2008. Os livros foram publicados na Suécia onde o poeta actualmente reside. Kiba-Mwenyu é mestre em administração pública.



Optimized using
trial version
www.balesio.com



As artistas no dia da abertura da exposição no Camões: Imanni, Patrícia, Grácia, Erika e Leda

No dia 17 de Março, foi inaugurada no CAMÕES/CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS a exposição colectiva de pintura e instalação das artistas ERIKA JÂMECE, GRÁCIA FERREIRA, IMANNI DA SILVA, LEDA BALTAZAR e PATRÍCIA CARDOSO.

Nestes RE-ENCONTROS, as cinco artistas deixaram-se levar pela inspiração e conceberam e criaram um trabalho colectivo, capaz de harmonizar as diferenças de cada uma, em torno de um tema comum. Diferenças de traço, de estilo, de forma, de cores e de expressões. A resposta foi a criação de 30 trabalhos inéditos, de pintura e instalação, feitos especialmente para homenagear a MULHER, sua recorrente fonte de inspiração.

Cinco artistas jovens, que fazem acontecer estes RE-ENCONTROS, para celebrar a MULHER, passados vinte anos desde que se conheceram na Escola de Artes. Cinco olhares diferentes, mas convergentes, sobre a mesma natureza, que partilham e exaltam. Trinta obras em homenagem à MULHER: angolana; africana; universal; MULHER FONTE DE VIDA.

SOBRE AS ARTISTAS

ERICA (1977) faz consultoria em arte, apresentação, distribuição e decoração (pinturas, esculturas, cerâmicas, gravuras, tapeçarias e artesanato). Em 1996, ingressou no Instituto Nacional de Formação Artística e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas, em Luanda. Em 2003, concluiu o curso profissional de decora-

ção de interiores no Instituto de Ensino Profissional Intensivo (INEP), em Lisboa. Integra, com outras artistas plásticas, o projecto “Elas Expõem”, cujo objectivo é apresentar exposições, dentro e fora do país, para as quais convidam uma artista plástica local, independentemente da especialidade.

GRÁCIA FERREIRA (1973). Em 2015, ingressou no curso de Arquitectura, na Universidade Lusófona, Lisboa. De 1998 a 2001, foi professora de Educação Visual e Plástica e Formação Manual e Politécnica, em Luanda. Conta no seu percurso profissional com diversas exposições, individuais e colectivas.

IMANNI DA SILVA (1981). Em 1998, entrou para o Instituto de Artes Plásticas, em Luanda, onde adquiriu experiência na área do desenho, pintura, gravura e têxteis. Em 2000, mudou-se para Londres onde aperfeiçoou os seus conhecimentos na área do design de moda e acessórios. Marcada pelo toque do surrealismo abstracto e ilustração, a arte contemporânea de Imanni da Silva mostra técnicas sem limites onde o glamour, sofisticação e o mundo feminino são retratados através de óleos, acrílicos misturados com os mais diversos materiais e acabamentos.

LEDA BALTAZAR – LEDANI (1979). Em 1999, concluiu o curso Médio de Belas Artes no INFAC-ENAP (Instituto Nacional de Formação Artística Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas em Luanda. Em 2000/2003, concluiu o curso de Professores de Ensino Básico de Educação Visual e

RE-ENCONTROS NO CAMÕES

PINTURA E INSTALAÇÃO EM ALUSÃO A MARÇO-MULHER



Tecnológica, em Lisboa. Em 2004, terminou o Curso de Design e Produção Gráfica, em Lisboa. Em 2015, ingressou no Instituto Superior de Artes (ISART), Luanda. Realizou diversos cursos, designadamente, Curso Profissional de Artes Decorativas, no Atelier Label de Decoração, Lisboa (2012), Decoração de Interiores e Animação de Festas (animação infantil com pintura facial) ambos entre 2003/2006.

PATRÍCIA CARDOSO (1973). Além do trabalho como artista plástica, faz artesanato, objectos decorativos e acessórios

femininos. Frequentou o curso de artes plásticas (pintura) no Instituto Nacional de Formação Artístico e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas, em Luanda. Em 1992, fez um curso de arraiolos e arranjos florais, em Portugal. Em 1998, concluiu o curso Colonial Azul, Azulejo e Porcelana, em Portugal. Em 2010, passou a explorar a técnica da pintura sobre materiais alternativos como madeira, materiais reciclados e tecidos, estabelecendo uma simbiose entre a pintura tradicional e moderna.



“CARTAS DA GUERRA” EM BERLIN BERLINALE COM PRESENÇA ANGOLANA

A estreia do filme português “Cartas da Guerra”, com muitas cenas gravadas nas províncias do Cuando Cubango e Malanje e a participação dos actores angolanos Orlando Sérgio e David Caracol, levou domingo o Embaixador de Angola na República Federal da Alemanha (RFA), Alberto Correia Neto, à 66ª edição do Festival Internacional de Cinema de Berlim (Berlinale).

A exibição de “Cartas da Guerra”, a única longa-metragem portuguesa em concurso para a conquista do “Urso de Ouro” naquele que é um dos maiores festivais de cinema do mundo, contou com a presença do Primeiro-Ministro português, António Costa, do Ministro português da Cultura, João Soares, do Embaixador de Portugal na RFA, João Mira Gomes, e outros diplomatas portugueses e angolanos destacados em Berlim.

Orlando Sérgio, actor angolano popularizado na série “Conversas do Quintal”, da Televisão Pública Angolana (TPA), esteve presente na sala do Berlinale Palast, cuja entrada estava decorada com a tradicional pasadeira vermelha.

A sessão registou lotação esgotada para a apresentação da produção portuguesa que concorre com outros 17 filmes de outros países para a maior distinção no Berlinale, a decorrer de 11 a 21 de Fevereiro.

Na ficha técnica de “Cartas da Guerra” constam agradecimentos ao Governo Provincial do Cuando Cu-

bango, em particular ao então governador Higinio Lopes Carneiro, e ao jornalista, dramaturgo, director e escritor de ficção angolano José Mena Abrantes pelo apoio concedido para as filmagens em Angola.

“Cartas da Guerra” resulta do trabalho de ficção do realizador Ivo Ferreira a partir das cartas que o médico e escritor português António Lobo Antunes enviou à sua mulher quando cumpria o serviço militar em Angola, como alferes do exército colonial, de 1971 a 1973. O livro em que constam essas cartas tem como título “D’este viver aqui neste papel descrito - Cartas de guerra”.

Esta terceira longa-metragem de Ivo Ferreira chega a concurso no Berlinale num ano em que Portugal regista a maior participação de sempre no certame, com a presença de duas longa-metragens e seis curta-metragens. O júri é presidido por Meryl Streep, atriz norte-americana que por três vezes conquistou Óscares da Academia, dois como melhor atriz principal e outro como melhor atriz coadjuvante/secundária.

A segunda longa-metragem portuguesa em exibição no Berlinale é “Posto Avançado do Progresso”, de Hugo Vieira da Silva, com cenas captadas na província do Zaire e a participação de David Caracol, a sua primeira do género em cinema.

A sinopse de “Posto Avançado do Progresso” conta a história de dois colonizadores portugueses que, imbuídos



Orlando Sérgio (a esquerda)



David Caracol (a direita)

de uma vaga intenção “civilizadora”, desembarcam numa parte remota do Rio Congo para coordenar um posto comercial. À medida que o tempo passa, começam a ficar desmoralizados face à sua incapacidade de enriquecer à custa do comércio de marfim.

Sentimentos de desconfiança mútua e mal-entendidos com a população au-

tóctone isolam os forasteiros no coração da floresta tropical. Confrontados um com o outro iniciam uma caminhada em direcção ao abismo.

A delegação portuguesa ao Berlinale integrou cerca de 60 elementos, entre os quais os actores Miguel Nunes, Margarida Vila-Nova, Ricardo Pereira, João Pedro Vaz e Simão Cavatte.

ORLANDO SÉRGIO NO BERLINALE

MATADI MAKOLA |

Orlando Sérgio teve presença solitária no Berlinale: sem os conterrâneos David Caracol e Raúl do Rosário. Recebeu-nos no seu reduto para uma daquelas conversas amenas e lúcidas sobre os empecilhos e passos do cinema e teatro angolanos, não ficando apenas na participação em “Cartas da Guerra”, que era a razão do encontro.

Começou enfatizando que fora convidado pelo Ivo Ferreira, o realizador, e aceitou de bom grado. Já chegou a trabalhar cor-

ça “Quem me da pela Cena

O filme te que Lobo An

Passa-se nu

guerra color

tacada parti

lanos, como



Optimized using trial version
www.balesio.com

mérito, visto que foi selecionado para a competição principal em longa-metragem. “Isso garante uma certa visibilidade para todo o filme e partes envolventes, tanto Angola como Portugal. Ganhou uma curta-metragem de outra portuguesa e tendo sido honrada com altas figuras do governo português e pelo embaixador angolano na Alemanha. É uma pena que o Caracol não tenha ido a Berlim, isso reflete como a nossa política de expansão cultural é muito frágil ou até mesmo inexistente. Deveríamos aproveitar melhor essas oportunidades, e a presença do Caracol seria importante também porque participaria num outro fórum. Eu cheguei a ir porque estava casualmente em Lisboa quando recebi o convite”.

Orlando Sérgio vive Katolo

O filme é a preto e branco e elogia-o por ter uma brilhante fotografia. António Lobo Antunes é apenas um médico. Mas os médicos têm contacto com o lado mais cruel da vida das pessoas. É um médico que logo que acaba os estudos é indicado a cumprir serviço militar em Angola, apesar das suas con-

tradições a respeito do móbil da guerra e da própria guerra. Mas, informa Orlando, não é esse o enfoque total do filme: fica implícito. É mostrado o lado violento da guerra colonial, e o lado violento do colono que é forçado a ser colono, porque até há uma cena de um militar que finge de doente a ver se volta logo a Portugal para não mais participar na guerra.

Se seria ou não uma atitude apropriada, Orlando contextualiza que naquela altura o normal daquela geração era fugir para França, a ver se não viam ao serviço militar obrigatório nas colónias.

Do carácter do filme, acentua que não é um filme psicológico. Tem um narrador permanente, que é a mulher de Lobo Antunes. “Não dá porque está a ser narrado. Há ali a maneira como ele lida com o lado Africano, com o grande amigo Katolo (representado por Orlando Sérgio), que é um flecha, uma tropa que o exército português tinha para reconhecimento dos africanos, e que tem uma atitude de traidor. Do ponto de vista de simpatia, as pessoas podem não gostar muito. Mas sabe que trabalho é

trabalho e se define como um actor que deve representar tanto o bem como o mal, sem fazer juízo de valor.

Katolo é um confessorário de Lobo Antunes, que tenta impingir-lhe mulheres, e um colaboracionista da PIDE. É uma pessoa com fleuma e grande aceitação no seio da população. Orlando revela que este personagem tem sido alvo de estudos universitários.

“Cartas da Guerra” já está vendido para quase cinquenta países e vai passar em grandes festivais. Angola será muito falada. E aos responsáveis da Cultura, apela que são coincidências que devemos aproveitar. Porque, do contrário, explica: “Parece-me que há uma certa desmotivação dos decisores culturais em Angola porque têm muito poucos recursos e não conseguem responder a demanda nenhuma, e então ficam bloqueados e não conseguem aproveitar estas presenças. Acho que o problema da cultura passa também por um investimento maior”.

Orlando está de malas feitas para Portugal, onde vai gravar uma novela que rodará na SIC ainda na primeira metade deste ano.



“FRÁGIL”

BABU NO DOMÍNIO DAS IDEIAS PANAFRICANAS

“Frágil” abriu no dia 14 na galeria Tamar Golan. Babu (Hamilton Francisco) reúne nesta exposição mais de uma dezena de obras que Pires Laranjeira, o curador da exposição, aconselha, por via do texto de apresentação, a “Nunca por nunca, se pode ler a sua arte como exclusiva emanção de uma mente prisioneira da africanidade, mas dela partindo para se abrir à sintonia com o sentido da liberdade criativa hodierna, condimentando a personalidade própria com a partilha de aprendizagens e sentidos colectivamente amplos”.

Antes, discorrendo sobre o fundo de identidade na obra de Babu, apontando uma aceção na condição de emigrado de Luanda para Portugal, Laranjeira explica que “Primeiro, como angolano (interroga-se sobre que tipo de arte deveria e poderia criar), depois, como cidadão emigrado – atingido pelo trabalho duro de emigrante em terra alheia, mas na qual (re)conheceu filamentos da pró-

pria angolidade, e também pelos preconceitos sobre quem e como era, desde a cor/raça negra ao cabelo rasta – e, finalmente, como artista que buscou o seu lugar e estilo (e prossegue essa inquirição) na fragmentação da vida hipermoderna ou, talvez (quem sabe?), pós-moderna”.

Num outro parágrafo anterior, classifica que o seu “gesto criador insere-se, de pleno direito, no movimento diversificado do estilhaçamento hipermoderno, da fragmentação/confluência de linguagens (pop, expressionista, action, bruta, étnica, serial, gestalt, etc.), que tanto caracteriza estes tempos de heterogeneidade nunca antes vista”. E continua, situando-o no seu tempo, o estilo, vai desde o “apelativo colorido, o inusitado gráfico e o sugestivo painel angolano ao mapa-mundi espatulado e interétnico, trata-se, em última instância interpretativamente globalizadora, de todo um percurso gestual e concetual que mostra um

estilo identificável e inconfundível do artista no domínio das ideias pan-africanas, pan-negras e panegíricas da subalternidade, que se articulam em materiais e formas cosmopolitas, correspondendo à sua biografia: das raízes angolanas e africanas ao global entendimento do humano, que pode englobar, por exemplo, conotações ameríndias sul-americanas”.

BABU

Hamilton Francisco “BABU” nasceu em Angola, em Abril de 1974. Desde muito cedo teve a paixão pela pintura. Estudou Desenho Industrial no Centro de Formação e Tecnologia Manauto 2 em Luanda. Já em Portugal, aprofundou os seus conhecimentos nesta área. Chega a trabalhar todas a técnicas, incluído a serigrafia artesanal. Actualmente trabalha como artista plástico no Projecto Museu no Centro, em Coimbra. Tem participado em várias exposições individuais e colectivas, bem como re-

sidências artísticas em vários países; as suas obras estão presentes em colecções públicas e privadas, em Portugal e noutros países.



ARTE

NEUTRALIDADE OU ENGAJAMENTO?

MBANGULA KATÚMUA

Existem duas formas de pensar as artes. Uma consiste na concentração do pensamento no objecto de arte em si mesmo, nos seus ditames estéticos e nos desígnios do mercado. Ou seja, a arte pela arte. Esta é uma forma redutora que esvazia o labor artístico qualquer sentido e valor enraizado historicamente. É a forma mais simples. A outra forma, consiste em colocar a obra e o artista dentro de uma teia complexa de relações sociais e históricas concretas. Ou seja, consiste em compreender a arte a partir dos processos que lhe dão origem, vincula-la a um ponto de partida e a um destino. Esta é a forma mais complexa. Estas duas

formas de pensar as artes resumem, grosso modo, o debate em torno da neutralidade e do engajamento da arte, no âmbito do qual frequente se levanta a questão seguinte:

Devem as artes estar ao serviço de uma certa causa ou ideologia?

Na década de trinta do século XIX um fervoroso movimento da “arte pela arte” despontou na Europa. Na poesia, por exemplo, nomes como Teófilo Gautier e Teodoro Banville ou na pintura James Whistler, dedicavam-se ao culto da rima e abordagem de temas impessoais e de escopo filosófico sem nenhum imbricamento do artístico com o social. Promovendo o culto da arte pela arte ou “esteticismo”.¹

Os defensores da neutralidade axiológica nas artes entendem não existir nenhuma relação entre arte e a

moralidade. Este entendimento não só esboroa a arte de todo o seu valor transformativo como desresponsabiliza por completo o artista em face das repercussões da sua obra. A este respeito Assis (2012:5) afirma que “o neutro não representa nada. Ele pode estar no lado do bem ou do mal, simultaneamente na aba de ambos ou escondido na beira da saia de um dos dois por vergonha”².

Por ser turno, quando arte se coloca ao serviço de uma ideologia ou causa em específico, por exemplo; a independência de um povo, a afirmação cultural ou na defesa de direitos civis e políticos ela ganha vigor e é socialmente resignificada porque apresenta-se, pela militância e engajamento às questões do quotidiano, enraizada e activa na vida dos indivíduos. Por-

tanto, o debate que nos devia ocupar hoje, não é mais se a arte deve ser neutra ou engajada mas, quais as questões sociais que deveriam engajar as artes e qual é a responsabilidade dos artistas na transformação do mundo actual.

1- Cfr.: Teresa Manjante, Rosária Diogo e Almiro Lobo, Literatura: neutra ou engajada? Escolar Editora, 2014, p.69

2- Cfr.: Sissa Aneleh Batista de Assis, Por uma arte-educação ativista contra a neutralidade e o vazio do ser. Comunicação apresentada na XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito 29 de outubro à 02 de novembro de 2012.

TELEVISÃO E SUBJECTIVIDADE



FRANCISCO LADEIRA
(OBVIOUS MAGAZINE)

Frente às faculdades mentais humanas, os meios de comunicação agem como espécies de “id personalizados” quando realizam gozos do indivíduo ou satisfazem determinadas pulsões. Por outro lado, ao legitimar normas sociais, ditar padrões de conduta ou apresentar julgamentos de valores sobre determinados fatos, a mídia, sobretudo a televisão, também é responsável pela “construção” de um “superego”.

Entre os meios de comunicação de massa, a televisão possui a maior principal razão de ser: a televisão seja a principal razão de ser dos telespectadores. Mas, ao mesmo tempo, a televisão é praticamente um membro da família, “babá-electrónica” ou a companhia nocturna para os solitários.

Personagens de ficção ou celebridades mediáticas cumprem funções

de verdadeiros alter-egos dos telespectadores e fazem com que projecções, sonhos e desejos inconscientes que jamais seriam alcançados na “vida real” possam ser realizados simbolicamente. Não obstante, a televisão também pode lançar padrões de comportamento ou legitimar determinadas normas sociais.

No livro *Espreme que sai sangue* - um estudo do sensacionalismo na imprensa, Danilo Angrimani Sobrinho faz uma oportuna analogia entre mídia e os clássicos conceitos freudianos que abordam as instâncias da personalidade - id, ego e superego - para demonstrar como os meios de comunicação agem psicologicamente sobre os diferentes indivíduos. De maneira resumida, o termo id refere-se às pulsões e vontades inconscientes do sujeito; o superego às normas e tabus sociais introjectados pelos indivíduos e o ego à hercúlea tentativa de equilibrar a princípio do prazer (id) com o princípio da realidade (superego).

Frente às faculdades mentais humanas, os meios de comunicação agem como espécies de “id personalizados” quando realizam gozos do indivíduo ou satisfazem determinadas pulsões. Segundo Edgar Morin, os fait-divers (notícias bizarras) propiciam que sentimentos reprimidos possam ser “mediaticamente sublimados”.

“No fait-divers, as protecções da vida normal são rompidas pelo acidente, catástrofe, crime, paixão, ciúmes, sadismo. O universo do fait-divers

tem em comum com o imaginário (o sonho, o romance, o filme) o desejo de enfrentar a ordem das coisas, violar os tabus, levar ao limite, à lógica das paixões”, escreveu Morin no livro *Cultura de massas no século XX*, o espírito do tempo.

Já os reality-shows, ao exporem e socializarem aspectos íntimos de seus participantes, satisfazem simbolicamente aspirações relacionadas a práticas como voyeurismo, fetichismo ou onanismo. Por sua vez, o pensador francês Pierre Charaudeau adverte que o âmbito televisivo, ao exhibir incessantemente cenas potencialmente chocantes ou empregar termos pertencentes ao campo semântico da emoção, é susceptível de produzir variados efeitos patémicos em sua audiência como ira, compaixão, angústia, desprezo, revolta, simpatia e repulsa.

Por outro lado, ao legitimar normas sociais, ditar padrões de conduta ou apresentar julgamentos de valores sobre determinados fatos, a mídia, sobretudo a televisão, também é responsável pela “construção” de um “superego”. Nessa lógica, noticiários sensacionalistas nos moldes de *Cidade Alerta* ou *Brasil Urgente* exercem o papel de “punir” comportamentos considerados socialmente transgressores.

Também é importante destacar o mórbido sentimento de prazer despertado com o sofrimento alheio ocasionado pelas coberturas de tragédias naturais e humanas, nas trans-

missões “ao vivo” de sequestros ou nas cenas de truculentas abordagens policiais em comunidades carentes. É a inconsciente descarga sádica que os seres humanos possuem à serviço do aumento dos índices de audiência.

Evidentemente, este artigo não teve a pretensão de esgotar as possibilidades de análise sobre os diferentes estados emocionais que podem ser condicionados pelo âmbito televisivo. Conforme apontamos em outro artigo, não há como fazer uma análise holística de nossa contemporaneidade sem levar em consideração a influência da televisão.

Sendo assim, é inconcebível que as concessões desse poderoso veículo de comunicação estejam concentradas nas mãos de poucas famílias que estão, sem excepção, atreladas aos sectores mais conservadores da sociedade brasileira e ao grande capital. Diante dessa realidade, é imprescindível a fomentação de políticas públicas que assegurem o acesso aos meios de comunicação de massa por parte dos diferentes grupos sociais. Em última instância, uma democracia realmente autêntica requer impreterivelmente o fim do coronelismo mediático

FRANCISCO LADEIRA

Especialista em Ciências Humanas: Brasil, Estado e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), articulista do Observatório da Imprensa e professor de Geografia.



Optimized using
trial version
www.balesio.com

O LUGAR DA TRADIÇÃO ORAL EM ÁFRICA

Introdução

O artigo que segue faz parte do trabalho do fim de curso de licenciatura em História, cujo tema - A importância da tradição oral para o Direito Costumeiro - foi apresentado no dia 21 de Dezembro de 2015 na Faculdade de Ciências da Universidade Agostinho Neto.

A escolha do tema responde as recomendações do I e II Encontro Nacional sobre Autoridade Tradicional em Angola, nas quais estão patentes “a inclusão no currículo dos cursos de direito das universidades Públicas e Privadas [da] cadeira de Direito Costumeiro” (...) e “o desenvolvimento de trabalhos de investigação científica” nesse domínio (MAT, 2008: 6; idem, 2002: 446).



JOÃO N'GOLA TRINDADE



Chokwe Tchibinda Ilunga

O lugar da tradição oral em África

A alegada inexistência da História dos povos africanos foi uma ideia que durante muito tempo foi defendida no ocidente (Bâ, 2010: 167; Obenga, 2010: 59). Na verdade, tal ideia, fundamentada na suposta inexistência de fontes históricas, particularmente, escritas, em África, demonstrava até certo ponto o desconhecimento do valor das línguas africanas enquanto documentos históricos (Obenga, 2010: 71-72; idem, 2013: 53; Diagne, 2010: 247-248; Keita, 2015: 153-154; Vansina, 2015). A contribuição de Diop para a História da África foi decisiva.

A tradição oral é essencialmente por meio da oralidade que se transmite, não somente em África, mas igualmente em todas as partes do mundo (Bâ, 2010: 168; Ki-Zerbo, 1999: 20); a língua [tradição oral] não deixa de ser uma fonte histórica. De facto, e a realidade assim prova, a orali-

dade é o primeiro meio de comunicação do homem, e de preservação do seu património imaterial formado, entre outros, por valores morais, éticos, cívicos, religiosos, normas jurídicas, etc., “pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (Bâ, 2010: 167).

Consciente deste facto, Amadou H. Bâ realçou a relação inevitável entre o homem e a palavra. Segundo este historiador, a ausência da escrita fortalece esta relação na qual o “homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é” (Bâ, 2010: 168) ao longo do tempo e no espaço.

Fonte de estudo da História e do Direito Costumeiro, a tradição oral é, como veremos mais adiante, fonte da Literatura e, dentre os seus géneros literários, destacamos o musoso no qual “o espiritual e o material não estão dissociados” (Bâ, 2010: 169).

A mesma ideia é defendida por Héli Chatelain (apud COELHO, 2010: 228), estudioso da literatura kimbundu, quando afirma que “tais histórias [pl.misoso, sing. musoso] devem conter algo de maravilhoso”, de extraordinário, de sobrenatural.

É ainda na infância que o indivíduo educado no referido espaço histórico-cultural entra em contacto com o referido género literário por meio da malunga – ritual realizado por um sacerdote a pedido do consulente com o propósito de este contactar os seus antepassados.

Na adolescência ouve-se falar com alguma regularidade da maiombola; do encontro, ou reencontro, entre dois indivíduos sendo um ainda vivo, enquanto o outro, apesar de morto e ter sido enterrado, aparenta estar vivo. A continuidade da vida no além, e o aparente regresso (?) do mundo dos mortos são algumas ideias veiculadas na e pela Literatura Oral.

Além de despertar a curiosidade, estas histórias contribuem para a educação dos rapazes e por meio delas transmitem-se valores que contribuem para a formação da consciência e a adopção de um comportamento socialmente aceite.

Na verdade a África não é um caso exclusivo neste domínio. No Ocidente, e noutras paragens, as fábulas são utilizadas com a mesma finalidade, e as fábulas de Jean de laFontaine, em França, constituem apenas um dos inúmeros exemplos.

Portanto, a tradição oral ainda está viva em África: tem presença no nome, na genealogia, na toponímia, etc., que, respectivamente, caracteriza o comportamento humano, testemunha as circunstâncias do nascimento do homem, retrata a sua história e a da sua família, reporta o seu local de nascimento, etc.. A sua exclusão do conjunto das fontes históricas pelos

historiadores ocidentais foi sustentada pelo argumento segundo o qual não apresentava cronologia (absoluta) (Obenga, 2010: 71-72; Ki-zerbo, 2010). Entretanto, esta apresenta-se por meio da referência a fenómenos: (i) sociais, como a guerra - período de instabilidade e de desrespeito aos valores culturais; ou: (ii) naturais: a seca, a peste, etc., vistos como tempo difícil (cronologia relativa) (OBENGA, 2010: 72).

Na tradição oral o tempo é apresentado igualmente pela alusão à Deus, aos ancestrais, e ao antigamente – expressões que transmitem a ideia de início dos tempos, ou ainda tempo imemorial.



Caminho do Mato (VAN)



Optimized using
trial version
www.balesio.com

OMBUNDU YA DIKUNDE



MÁRIO PEREIRA

1.- Kyakexile kya mu kaxaxi ka kizuwa, mu Dyembu dya Kabala mu mbanza yetu ya Luanda benyaba; mu Kaxombo ni mu Kaswalala we hanji mu Ndondo kwenyoko; kyene kimoxi mu Pungu a Ndongo mu kibatu kya Malanje kwenyoko, okibela anga kyakexile kya mukulebesa tangu imoxi ni dikunde ku tandu dye, dikundi dyenyedi anga dyadiwanene kya lwiyadi, ni jimbandu jadifangana mudya. 2.- Kyenyeki pe, kyeza dingi kima kyala ni mwenyu, kima kibangesa kima kyakamukwa kukala ni mwenyu, kyazumbukile we kya mukudikisa kuma mbutu, mwene mwene, yakexile ni dyambu dya kutonesa, ni kaditoxi ka mbuke ngo, kima kyoso kyoso kwila, kyandala we hanji mukukala ni mwenyu. 3.- Wabwila kya, o mbundu yeneye pe ikingila, yadyelela, kudibingana kisanzu kibangesa kwiza mu tangu yemana kya, odifu dyawisu dizondola muthu wiyambatesa tunde mu dilonga ndu mu dikanu dye kya. 4.- Mu dibya dyawisu kwene ku katangu kaka kadisanga, ulakaji wa imbamba ni umoxi ikala kwisoma, tunde mu dizoma dye ndu mwene mu difu dye, ni wandalelu wayiba wa kukala ne mu kanu, yonjangu-te kya, kwala kujibisa ngo onzala yeneye ilembwa kubwa, ikala we hanji kwila nzala yeneye ikala hanji kwaazukama ndu kuzumbuka mwenyu! 5.- Mu kifwa kyanguma pe, ndumba dya athu akalakala mukumona okingulungumba kuzumbuka mwenyu ni wanga umuzowa ndu kwitudisa mwenyu, mu usangulukilu wa athu akala kusingila mbundu kukala ni kudisanza; sekitubukilu kwebi kyama kidisuwama kwala kwikatesa ndu kwikatula owuswilu we woso. 6.- Kyenyeki ngo pe, ombundu yeneye, yadikongela ni makamba makamukwa hanji ni kifwa kimoxi mudya, ilungila owuswininu wa kukala mukudisa ndumba dya athu, kikale we hanji, utena kudisa mwiji wamuvimba! 7.- Onzala pe, kuma fixi ya kubangesa athu kukalakala, iyi pe dixongo, wambatesa athu ayandala dikanga, kukalakala, mukulungila okibukumuku kindondesa, kyoso nzala ixikama kwebi ku twatungu; mu mala wolokata kya kwila nzala uzola kumamona mu kifwa kyenyeki! 8.- Kujibila nzala kyene kimoxi ni kujibila kibuka kijibisa woso ubalumuka mukuxipila menya mamudisa, mu kudilunga ni masekele makola, kyoso ki ukala mukulebesa tangu kwila mbutu iwalesa seku kimbamba kyoso kyoso kikala kumutonginina we kya! 9.- Okambundu okyo pe, mukudituna kubokona kubekawe mu dikanu dya muthu ukala kukakingila ni kihangi kya muthu ubenga, uxana makamba matungu mu njila ye anga, mukudivumbika mu mwamba makusuka ma ndende, akongola athu adixikamesa mu kibuna kya kudyawula anga mu dixisa dyala kya boxi; athu akala ni isunji mukujitakula mu makanu kya, kyoso mufete uditululuka kya mu dilonga! 10.- Anga hanji, kyoso dizumba dya ufwilu dikatesa muxima wa athu akala mukumona woso woso umuzola: dikamba dya ma, iza ni mu kizuw kubanza l komba di anga muk fusa ulan wami usv mukonda dya kukala ni rungungu lwavulu, o dizumba kwila mwene wixi nzambu wamutumisa Nzambi; kyoso mwene ukala we hanji mukubanza kuma owiyukilu wa kukala ne ku polo ye kyamutokala mwene ngo!



Optimized using
trial version
www.balesio.com



Obra de Marcela Costa

O BAGO DE FEIJÃO

1.- Era meio-dia, na região da Kabala em Luanda; em Kaxombo e Kaswalala no Dondo; igualmente em Pungu a Ndongo em Malanje, e o solo erguia, naqueles lugares, uma haste encimada por um bago de feijão dividido em duas partes iguais. 2.- Mais um ser vivo, daqueles que dão vida à vida, acabava de mostrar que a natureza, ela mesma, tinha o dom de acordar, com uma simples gota de orvalho, qualquer ser que, vivo, ainda se queira manter. 3.- Exausto, o bago espera, esperançado, que ele mesmo vire rebento que faça vir na haste aprumada, a verde folha que enleva quem do prato à boca o leva. 4.- No manto verde onde se apruma, mil e um vermes o atacam, da raiz à folha, no vil intento de o terem à boca, mastigada, para saciar a interminável fome que os acompanha até à morte! 5.- Ao contrário, muita mente labora para ver o vil carrasco tombar a vida em veneno que o banha até finar, para gáudio de quem espera ter o bago impune; sem o furo onde se acoita o bicho que o molesta até à invalidez. 6.- Só assim, o bago, unido a outros comparsas da mesma espécie, ganha o vigor que alimenta um povo, uma nação! 7.- A fome, como fonte impulsora do trabalho, que ironia, leva à labuta quem longe a quer ter, para vencer o terror que causa, quando assenta em lugar onde a gente mora; no estômago dolente que ele adora! 8.- Matar a fome é matar o verme que leva à morte quem se levanta ao sugar a água que o alimenta, em combinação com a terra que é santa, quando levanta a haste que uma semente gera sem ser molestada por um bicho qualquer que a espreita! 9.- O baguito, não querendo entrar sozinho na boca de quem o espera com a ansiedade de um glutão, chama os amigos da mesma rua e, mergulhados em molhos vermelhos da polpa de dendém, unem gente que se senta à mesa ou numa esteira pousada no chão; gente que delira com eles na boca, enquanto o mufete se acalma no prato! 10.- E, quando o odor da morte enferma a alma da gente que vê fugir quem ama: um amigo de longa data; um conhecido ou vizinho da rua de trás, vêm a correr mergulhados na kanjika obrigatória no dia das cinzas, de modo que é imoral quem ouse imaginar deixá-los de fora, o que a acontecer, a sua ausência tem o significado de que a cinza não foi varrida, o óbito não foi terminado e, para ser mais explícito: o óbito ficou pendente! 11.- A imoralidade atinge o seu máximo limite quando o cidadão que é meu vizinho esconde a panela do feijão só para sentir, que egoísmo, para si, o odor que diz ser bênção que o Senhor mandou; quando supõe que o direito de o ter à sua frente é exclusivo à sua pessoa!

Resumo da Prancha anterior:

O valoroso soldado sai em defesa da sua dama mas é derrotado pelo ser fantasmagórico perante o horror de Katumbo...

A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO ¹⁷ Por: LITO SILVA

CARCAMANO



Optimized using trial version
www.balesio.com

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

**KISSÂNGUA
AO PÔR DO SOL**

**MÚSICA
CULTURA
ENTRETENIMENTO
BOM GOSTO**

91.7 FM
17h00 – 18h00
SEXTA-FEIRA

KISSANGUA
ao Pôr do Sol 91.7 FM

kissanguaaopordosol@gmail.com